

COLEÇÃO AVENTURAS GRANDIOSAS

O PEQUENO LORDE

Frances H. Burnett

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

 EDITORA
RIDEEL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Coleção Aventuras Grandiosas

Frances H. Burnett

O PEQUENO LORDE



Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

1ª edição

1. Os primeiros anos de vida

Cedric era praticamente um bebê quando seu pai morreu. Somente anos depois ficou conhecendo um pouco mais da história dele. A mãe contou-lhe que seu pai era inglês, mas Cedric lembrava-se apenas de um homem bonito, de bigode comprido e olhos azuis muito vivos, correndo pelo jardim com ele nos braços.

Um dia Cedric foi levado para a casa de Mary, a criada que trabalhava há muitos anos para a família. Quando voltou, seu pai não estava mais lá e sua mãe olhava o fogo, sentada perto da lareira.

— Preciosa, onde está papai? — perguntou Cedric, chamando a mãe pelo apelido que o pai usava para falar com a esposa.

— Papai ficou muito doente — respondeu a mãe, colocando-o no colo.

— Mas... ele está bem, não está?

— Sim, ele está bem, Ceddie — disse ela.

— E quando ele volta para casa?

Uma lágrima rolou no rosto da jovem mãe. Cedric sentiu que as mãos dela estavam tremendo.

— Preciosa, o que está acontecendo?

— Papai está bem, não se preocupe, mas a partir de agora seremos só nós dois. Você me entende, Ceddie?

Percebendo que a mãe estava muito frágil, Cedric a abraçou com força e permaneceu assim por um longo tempo. Quando sentiu que a respiração dela havia se acalmado, ele disse:

— Já entendi, Preciosa, papai morreu. Não sei bem o que é isso, mas não se preocupe. Nós dois estamos juntos.

A mãe chorou mais uma vez, impressionada com a maturidade do filho. Aos poucos, os dois foram se acostumando com a idéia de viverem sozinhos, até porque eles não tinham muitos amigos. Os anos foram passando e Cedric foi conhecendo um pouco mais sobre a história do valente Capitão Cedric Errol, seu pai.

O pai do Capitão era um conde inglês muito rico, que não gostava de americanos e de nada que se referisse aos Estados Unidos da América. O velho inglês tinha três filhos. O pai de Ceddie era o mais moço. Pelas leis inglesas, o filho mais velho deveria herdar todas as propriedades e o título de nobreza familiar. Somente se o primeiro filho morresse, o segundo poderia tomar posse de tudo. Sendo assim, o terceiro filho teria pouquíssimas chances de ser um homem rico e poderoso.

Mas o Capitão não estava muito preocupado em ter dinheiro. A natureza havia pre-senteado o terceiro filho do conde com algo especial: ele era um homem bonito, inteligente e agradável. Onde quer que fosse, sua simpatia e generosidade chamavam a atenção de todos. O mesmo não acontecia com seus irmãos. Nenhum dos dois era bonito, muito menos inteligente e generoso. Passaram os anos escolares de suas vidas desperdiçando o dinheiro do pai e aprontando confusões.

O velho conde vivia desconsolado. Passava os dias sem se conformar com o fato de somente seu terceiro filho possuir as qualidades necessárias para dar continuidade à nobreza da família. Um dia, tomado de um repentino acesso de raiva, o conde mandou o filho mais moço viajar para a América.

— Não aguento mais olhar para você e compará-lo com seus irmãos! — disse ele.

O Capitão não entendeu bem por que o pai estava fazendo isso, uma vez que sempre o ouvira falar mal dos Estados Unidos. No entanto, achou que o conde precisava se dedicar mais à educação dos irmãos. Eles não pareciam preparados para assumir nenhum tipo de responsabilidade. Acatou a decisão do pai e foi passar uns tempos na cidade de Nova York.

Seis meses depois, o Capitão recebeu uma carta do pai ordenando que ele retornasse à Inglaterra. Respondeu com outra carta, explicando que não pretendia voltar, pois havia se apaixonado por uma bela jovem americana. Queria se casar o mais breve possível.

Os criados do conde acharam que o velho inglês iria morrer de ódio depois de ter lido as palavras vindas da América. Seus olhos

encheram-se de lágrimas, seu rosto ficou completamente transtornado, enquanto ele gritava insultos que ecoavam pelos corredores de seu castelo. Ainda aos berros, o conde sentou-se e escreveu ao filho dizendo para ele nunca mais se aproximar da família.

O Capitão sabia que seu pai era muito intransigente, mas não esperava uma reação tão drástica em relação ao seu casamento com uma americana. Ficou triste, pois gostava demais da Inglaterra e sabia que sentiria falta de lá, mas ele era um homem determinado.

Mesmo sendo cidadão inglês, conseguiu, com certa dificuldade, uma colocação no Exército americano. Passou, então, a defender a pátria que seu pai tanto odiava, mas foi dessa maneira que conseguiu dinheiro para se casar e comprar um lugar para morar.

Sua esposa era órfã e, antes de se casar, trabalhava como babá na residência de uma família muito rica. O Capitão Errol a conheceu quando visitava essa família, assim que chegou à América. Ao olhar para a moça, viu o rosto mais meigo que existia no mundo e não parou de pensar nela um segundo sequer. Os dois se conheceram melhor, apaixonaram-se e casaram-se. Levavam uma vida confortável e feliz, porém sem grandes luxos.

A felicidade do casal ficou completa com o nascimento de um filho. Era uma criança muito bonita, e recebeu o nome do pai. O bebê era calmo e sorridente. Todos que o olhavam sentiam uma sensação de paz e tranquilidade. Diferente dos outros bebês, que geralmente nascem carecas, Cedric veio ao mundo com lindos cabelos dourados. Quando tinha seis meses, já exibia cachos finíssimos que, junto com os belos olhos castanhos, formavam uma combinação perfeita.

Os vizinhos admiravam-se quando viam o lindo garoto passear com a babá. Todos gostavam dele, até mesmo o rabugento dono da mercearia da esquina. O sorriso cativante do menino atraía a atenção das elegantes damas que frequentavam os cafés, dos comerciantes, dos cocheiros que passavam dirigindo carruagens e das crianças que brincavam nas ruas.

Talvez Cedric tenha nascido com boa índole, ou talvez aprendera, com seus pais, a ser simpático e a fazer amizade. O ambiente familiar em que vivia era extremamente acolhedor. Não havia gritos nem qualquer espécie de xingamento dentro de casa. Ao contrário, o Capitão Errol estava sempre inventando novos apelidos carinhosos para sua amada esposa. Cedric copiava o pai e também agradava bastante a mãe, por isso percebeu que sua "Preciosa" precisava de muito carinho depois que o pai morrera.

À medida que foi crescendo, Cedric aproximou-se ainda mais da mãe. Os dois eram grandes companheiros. Passeavam pelas ruas do bairro, faziam compras para a casa, conversavam e brincavam depois do jantar. A Sra. Errol ensinou o filho a ler quando ele ainda era bem pequeno. Inteligente, Cedric aprendeu rápido a decifrar as letras. Para exercitar, gostava de ler histórias em voz alta. Mary e a Sra. Errol riam do jeito irreverente e alegre do menino. Ele era mesmo uma criança encantadora!

2. Uma notícia surpreendente

O Sr. Hobbs, dono da mercearia, era um homem chato e mal-humorado. Só com Cedric ele tinha paciência. Na verdade, os dois eram grandes amigos. Depois de brincar com os meninos nas ruas do bairro, Cedric sempre dava uma passada na mercearia para conversar com o vendeiro.

Naquela tarde, os dois falavam sobre o assunto de que mais gostavam: política.

Aos sete anos, Cedric já era republicano como o Sr. Hobbs. Sabia tudo sobre o atual governo e sobre as últimas eleições americanas.

Quando Mary entrou afobada para buscar Cedric, encontrou-o sentado sobre uma BARRICA de biscoitos, segurando os joelhos com as mãos. Ele estava olhando o jornal com a foto da Rainha da Inglaterra na capa estendido sobre o balcão da venda.

— Mary! — exclamou Cedric. — Você veio buscar açúcar?

— Não, meu querido, vim buscar você. Sua mãe está chamando.

— Preciosa mandou me chamar? O que ela quer?

— É melhor você mesmo falar com ela. Vamos, Ceddie.

— Espere um pouco, Mary — interrompeu o Sr. Hobbs. — Cedric e eu não terminamos nosso assunto, não é, meu rapaz?

— Sim, Mary, estávamos falando dos nobres ingleses — disse Cedric.

— Daqueles incompetentes nobres ingleses, você quer dizer — resmungou o vendeiro.

— Veja com seus próprios olhos, Mary; olhe a foto do jornal. Um bando de condes e marqueses prontos para um baile na corte. Estes aristocratas são mesmo hipócritas!

— Sr. Hobbs, será que o senhor não está sendo duro demais com os nobres? Talvez eles não sejam tão ruins assim — disse Cedric, que tinha um coração enorme.

— Meu rapaz, saiba que eu nunca deixaria um nobre entrar na minha mercearia. Eles são gente da pior espécie.

— Infelizmente, não temos tempo para isso — interrompeu Mary.
— Cedric precisa ir para casa — disse ela, puxando o garoto pelas mãos.

Assim que entraram na sala, a Sra. Errol correu para abraçar o filho. O semblante preocupado da mãe deixou Cedric intrigado. Havia um homem de pé, ao lado dela. Ele observou o menino de cima a baixo, prestando bastante atenção nos traços de seu rosto e na beleza especial de seus cabelos. Em seguida sorriu levemente, como se demonstrasse aprovação. Aproximou-se de Cedric e disse:

— Então é este o pequeno Lorde Fauntleroy.

— O que... o que está acontecendo? — perguntou Cedric, reticente.

— Ceddie, querido, este é o Sr. Havisham. Ele é advogado de seu avô, que mora lá na Inglaterra — disse a Sra. Errol.

— Avô? Você quer dizer o pai do meu pai? — falou o menino.

— Sim, Ceddie. Quero que escute o que o Sr. Havisham tem para lhe dizer. É muito importante — pediu a mãe.

O advogado, com grande paciência, explicou que o avô de Cedric era John Arthur Molyneux Errol, Conde de Dorincourt. Como seu filho mais velho morrera numa queda de cavalo, o do meio morrera vítima de uma febre na Itália, e seu terceiro filho, o Capitão Errol, também estava morto, só restava Cedric para continuar a nobreza da família.

— Por enquanto, você é Lorde Fauntleroy — disse o advogado. — Quando seu avô morrer, você será o novo Conde de Dorincourt.

As bochechas de Cedric coraram e ele começou a se sentir desconfortável naquele terninho de veludo preto que sua mãe e Mary insistiam em vesti-lo.

— E o que eu tenho que fazer? — perguntou Cedric, lançando um olhar nervoso para a mãe.

— Estou aqui para discutirmos sua mudança para a Inglaterra — disse o Sr. Havisham.

— Preciosa — disse Cedric, com voz de choro —, nenhum menino é conde nem lorde. Posso não ser um conde?

— Venha aqui, Ceddie — disse a Sra. Errol. — Não tem jeito, você será mesmo conde. Mas preste atenção, isso deve ser motivo de orgulho.

— E eu preciso ir morar na Inglaterra?

— Vamos conversar sobre isso depois, mas eu acho que você deve ir. Seu pai amava a Inglaterra e adoraria saber que seu filhinho querido foi para lá. Eu seria uma mãe muito egoísta se o impedisse de ir.

Cedric baixou a cabeça e ficou pensando no que iria falar para o Sr. Hobbs. “Que falta de sorte! Justo eu, um nobre inglês”, pensou. Depois de alguns segundos, disse, por fim:

— Vou sentir muita falta do Sr. Hobbs, dos meus amigos, da senhora que vende maçãs, de todos por aqui.

Mary o abraçou forte, dizendo:

— Vai ficar tudo bem, meu menino.

O Sr. Havisham foi passar a noite em um hotel. Falou que voltaria no dia seguinte para conversar mais com a Sra. Errol. Ele compreendeu que a família precisava de algum tempo para assimilar a notícia.

Cedric e a mãe puderam, então, conversar a sós. Os dois sentaram-se no degrau da escada da varanda. Ao ar livre, olhando o céu estrelado, a Sra. Errol tranquilizou o filho, dizendo:

— Se seu pai estivesse vivo, ele próprio seria um conde. Nós teríamos que nos mudar para a Inglaterra de qualquer jeito, Ceddie.

— Eu já entendi, Preciosa, papai deve estar feliz em saber que vou tomar o lugar dele.

— Muito feliz, meu querido. Onde quer que ele esteja, deve estar radiante.

— Só uma coisa está me deixando preocupado. Não sei como dizer ao Sr. Hobbs que sou um lorde.

A Sra. Errol abraçou Ceddie e disse:

— Tenho certeza de que ele irá entender. Ele também sentirá sua falta.

3. Acostumando-se à nova situação

Quando Mary e a Sra. Errol acordaram, não encontraram Cedric na cama. Ele mal conseguira dormir com tantas novidades na cabeça. Assim que o dia raiou, correu para a mercearia do Sr. Hobbs.

— O que faz aqui tão cedo, meu rapaz? — perguntou o vendeiro, ainda sonolento.

— Estou preocupado.

— Então, entre. Sente-se aqui neste banco e vamos conversar. Somos amigos, não somos?

— É justamente com isso que estou preocupado.

— Com a nossa amizade? Por quê? Não estou entendendo.

— Tenho medo de que o senhor não queira mais ser meu amigo depois que eu lhe contar uma coisa.

— Você sabe muito bem que eu só fico bravo com os meninos que roubam meus biscoitos. Também não gosto das madames que ficam horas escolhendo mercadorias para depois decidirem não levar. O que houve? Diga.

— Lembra da conversa que estávamos tendo ontem?

— Sobre os nobres ingleses.

— Isso, isso mesmo! O senhor se lembra?

— É claro que me lembro.

— E o senhor se lembra de ter falado que nunca deixaria um nobre entrar na sua mercearia?

— Isso é verdade. Não quero saber daqueles falsários dentro da minha loja!

— Pois há um aqui dentro, agora mesmo, conversando com o senhor.

— Cedric, meu rapaz, será que o calor da manhã está deixando você tonto? Só estamos nós dois aqui.

— O que eu estou querendo lhe dizer é... que... eu sou um nobre.

— Como assim? Você está brincando comigo?

— Não, Sr. Hobbs, juro que não. Olhe esse papel com o nome do meu avô. É um nome tão longo que achei melhor escrever.

O velho dono da mercearia precisou sentar para ouvir toda a história de Cedric e da visita do Sr. Havisham. Quando finalmente se convenceu de que o menino estava falando a verdade, perguntou:

— Será que não tem jeito de você escapar dessa?

— Acho que não. Mas estive pensando essa noite: se sou um nobre, eu poderia tentar ser um bom nobre. O que o senhor acha?

O vendeiro sentiu um nó na garganta. Pela primeira vez na vida, ele teria que se resignar com uma situação completamente oposta às suas posições políticas.

Mesmo contrariado, passou a mão na cabeça do pequeno lorde e disse:

— Tenho certeza de que você será um bom conde.

— Quer dizer que vamos continuar sendo amigos? — perguntou Cedric, quase sem conseguir se conter de tanta alegria.

— Sim, meu rapaz. Somos amigos. Agora vá, sua mãe deve estar preocupada.

Cedric abraçou o Sr. Hobbs com força, depois correu para casa. Enquanto descia a rua, ainda pôde ver o velho amigo na porta de sua loja, gesticulando.

— Mas não gosto dessa história de você viajar para a Inglaterra! — gritou ele.

Cedric não escutou, apenas acenou de longe, com um enorme sorriso no rosto.

— Eu prometi ao Sr. Hobbs que serei um bom nobre, Preciosa — disse ele, assim que entrou em casa.

— E será, Ceddie, o melhor que já existiu — falou a Sra. Errol, sorrindo.

A Sra. Errol não sorria muito. Depois da morte do capitão, ela só se divertia junto com Cedric. Seu filho era um menino muito inteligente. Ele aprendia as coisas depressa e gostava de imitar os adultos. De vez em quando, Ceddie tentava usar palavras difíceis e acabava pronunciando-as de um jeito engraçado. Ele adorava fazer a mãe rir em ocasiões como essas, mas não entendia bem a graça que tinha em ouvi-lo falar. Para ele, as palavras eram coisa muito séria.

O Sr. Havisham passou a noite em claro, pensando. Influenciado pelo gênio rabugento do velho Conde de Dorincourt, ele esperava encontrar a figura de uma mulher vulgar e interesseira na Sra. Errol. Assim como seu patrão, o advogado acreditava que ela havia se casado com o capitão por puro desejo de se tornar rica e fazer parte da nobreza europeia.

No entanto, quando sua carruagem parou em frente àquela casa modesta, de decoração simples e sóbria, de um bairro pobre de Nova York, sentiu que as coisas seriam completamente diferentes. Achou a Sra. Errol muito bonita. Seu olhar transmitia serenidade e tristeza. “Ela é tão jovem que nem parece a mãe de um menino de sete anos”, pensou o Sr. Havisham.

O encontro com o pequeno Lorde Fauntleroy também impressionou o advogado.

Ele nunca vira um menino tão bonito, de aparência tão nobre quanto Cedric. Seus cabelos dourados lembravam os do pai, enquanto os grandes olhos castanhos eram a cópia dos da Sra. Errol. O Sr. Havisham percebeu que o futuro Conde de Dorincourt tinha sido criado em um ambiente cheio de afeto. Parecia um menino educado e bastante maduro para sua idade.

Quando voltou no dia seguinte, pediu à Sra. Errol se poderia conversar com Cedric para explicar a ele como seria sua vida na Inglaterra. Os dois sentaram-se frente a frente na sala de estar e o advogado perguntou:

— O que você mais gosta de fazer, Lorde Fauntleroy?

— Gosto de apostar corrida com os meninos na rua, de conversar com a senhora que vende maçãs, de fazer companhia para o Sr. Hobbs e ajudá-lo a empacotar as mercadorias de seus clientes, de...

— Você quer dizer que... trabalha na mercearia da esquina? — perguntou o advogado, com certa apreensão.

— Não, o senhor não entendeu. O Sr. Hobbs é meu melhor amigo. Nós conversamos bastante sobre todos os assuntos. Eu é que peço para ajudá-lo. Assim eu não o atrapalho durante o trabalho, entende?

— Mais ou menos — disse o Sr. Havisham, preocupado em como dizer para o pequeno lorde que ele teria uma vida de luxo na Inglaterra.

Cedric resgatou o advogado de seus pensamentos, indo direto ao ponto:

— Será que o senhor pode me explicar o que é um conde?

— É claro que posso. É por isso que estou aqui hoje.

— Como é que uma pessoa se torna conde?

— Um rei ou uma rainha, geralmente, entrega esse título a uma pessoa que tenha lhe prestado um favor, ou a alguém que tenha feito uma boa ação.

— Ah, como os presidentes! Eles são eleitos porque sabem muitas coisas e fazem boas ações para o povo.

— É um pouco diferente — explicou o Sr. Havisham. — Os condes e lordes descendem de uma antiga linhagem.

— “Linhagem”?

— Linhagem — corrigiu o advogado. — Isso quer dizer que a família desse nobre é conhecida há muitos anos. Geralmente essas famílias são citadas na história do país delas. Veja, por exemplo, o primeiro Conde de Dorincourt foi criado quatrocentos anos atrás.

— Nossa, isso é muito tempo! Preciosa vai gostar de saber que minha família tem quatrocentos anos. E o que mais um conde faz?

— Muitos deles foram homens bastante corajosos. Eles lutaram em batalhas e ajudaram a governar a Inglaterra.

— Meu pai também foi um homem corajoso. Provavelmente porque ele deveria ser conde. Também quero ser como ele. É muito bom saber que os condes são corajosos.

— Além disso — continuou o advogado —, alguns condes têm muito dinheiro.

— Eu gostaria de ter muito dinheiro.

— É mesmo? E o que você faria com esse dinheiro?

— Compraria todas as frutas da senhora que vende maçãs no parque, assim ela não teria que trabalhar e poderia descansar os ossos. Sabe, ela tem uns setenta e cinco anos. Os ossos dela doem quando ela anda.

— E o que mais você faria?

— Compraria muitos vestidos bonitos para Preciosa, um relógio de ouro para o Sr. Hobbs e ajudaria Dick, o engraxate. Ele também é meu amigo.

O Sr. Havisham estava impressionado em ver que o pequeno lorde era um garoto bondoso, que pensava muito mais nos outros do que nele mesmo.

— Você gostaria de ter alguma coisa para si próprio? — perguntou.

— Sim! — respondeu Cedric, animado. — Em primeiro lugar, eu daria algum dinheiro a Bridget, a irmã de Mary. O marido dela está doente e desempregado. Eu devo um favor a ele, pois, uma vez, ele fez uma espada de madeira de presente para mim. Depois, eu adoraria organizar um desfile de tochas para meus amigos e eu marcharmos.

— Você gostaria de marchar em um desfile de tochas?

— Isso mesmo! Seria um acontecimento na cidade, como o desfile em que o Sr. Hobbs me levou durante a campanha para presidente, no ano passado.

Nessa hora, por coincidência, a Sra. Errol entrou na sala, e disse a Cedric que sua amiga Bridget, irmã de Mary, estava na cozinha.

— Você deu alguma coisa a ela, Preciosa? — perguntou o menino.

— Dei uma cesta com frutas e um pedaço de pão. Também separei algumas roupas para as crianças. Você sabe, querido, não é fácil criar doze filhos sem dinheiro.

— Imagino — disse Cedric, pensativo. — Acho que vou até a cozinha falar com ela. Com licença, Sr. Havisham.

Assim que Cedric saiu, o advogado falou para a Sra. Errol:

— Não sei se a senhora se deu conta disso, mas meu patrão, o Conde de Dorincourt, é um homem riquíssimo, que pode ter tudo o que quiser. Antes de me delegar a missão de vir até aqui buscar Lorde Fauntleroy, tivemos uma entrevista, na qual ele me recomendou atender a todos os desejos de seu neto. O que estou querendo dizer é que, se dar algum dinheiro a essa pobre mulher e a seu marido irá fazer o pequeno lorde feliz, vamos até lá agora mesmo.

A Sra. Errol pensou um pouco e disse:

— Oh, Sr. Havisham, meu filho vai ser muito rico, não vai?

— Sim. Na verdade, a senhora nem calcula o quanto.

— Ele é tão pequeno... Temo que ele não saiba fazer bom uso dessa riqueza.

— Não se preocupe, Sra. Errol. A conversa que tive com ele hoje de manhã me deu a certeza de que o próximo Conde de Dorincourt será um homem de caráter.

Cedric quase não acreditou quando o Sr. Havisham lhe deu vinte e cinco dólares para ele entregar a Bridget. A pobre moça chorou de emoção. O pequeno Ceddie voltou para a sala contente, sentou-se na poltrona que estava antes e disse ao advogado:

— Eu não sabia que meu avô era um homem tão bom! Ele mandou mesmo o senhor me dar dinheiro para ajudar Bridget?

— Ele quer que você entenda que, a partir de agora, sua vida mudou, Lorde Fauntleroy. Você é um menino rico.

— Sabe, acho que ser conde não é tão ruim quanto eu pensava. Vou poder ajudar muita gente, não é? — perguntou Cedric.

— Se você quiser, poderá sim.

— Já estou quase... quase muito feliz por ser um conde! — disse, por fim.

4. Viajando para a Inglaterra

Na semana anterior à viagem para a Inglaterra, Cedric realizou vários de seus desejos.

Deu uma ajuda em dinheiro, além de presentes a todos os seus amigos, principalmente à senhora que vendia maçãs; a Dick, o engraxate; e, em especial, ao Sr. Hobbs.

O velho vendeiro não se conteve e caiu no choro quando recebeu um relógio de ouro com corrente do pequeno amigo.

— Eu, eu... não mereço tanto, meu rapaz — disse o Sr. Hobbs, enxugando o nariz.

— Merece muito mais. Veja, tem algo gravado atrás. Leia alto — disse Ceddie.

— “Ao Sr. Hobbs, meu melhor amigo. Lembre-se de mim toda vez que usar este relógio. Lorde Fauntleroy.” É um presente lindo. Como posso lhe agradecer, meu rapaz?

— Indo me visitar na Inglaterra. O senhor não liga de o meu avô ser um conde, não é? Tenho certeza de que ele o convidará para passar uns tempos no nosso castelo.

— Eu irei, meu rapaz, eu irei — respondeu o Sr. Hobbs, tentando conter as lágrimas. — E você, trate de ser um bom lorde por enquanto, hein? Não se misture com aquela aristocracia inglesa!

— Pode deixar, Sr. Hobbs, vou me lembrar para sempre das coisas que o senhor me ensinou.

Quando o navio que conduziria Cedric, a Sra. Errol e o Sr. Havisham para o outro lado do Oceano Atlântico estava prestes a zarpar, Dick abriu caminho na multidão, que se aglomerava no porto para se despedir de amigos e parentes, e gritou:

— Adeus, Cedric Errol. Faça uma boa viagem e volte para nos visitar.

Cedric mal pôde ouvir o amigo, pois já estava no convés do navio, mas acenou para Dick com vigor, cheio de entusiasmo.

Alguns dias antes de partirem, o Sr. Havisham e a Sra. Errol tiveram uma conversa.

Ele explicou a ela que Cedric teria que viver no Castelo de Dorincourt, pois o conde queria acompanhar de perto sua educação. No entanto, o velho nobre acreditava profundamente que a Sra. Errol era uma impostora, por isso ele não tinha intenções de recebê-la em sua residência.

— Oh, Sr. Havisham, não me separe de Ceddie. Nós dois somos tão unidos... Seria muito doloroso para ele e para mim também. Permito que Cedric vá para a Inglaterra porque penso que é a coisa certa a fazer, mas viver longe dele seria muito ruim — disse ela.

— O conde está lhe cedendo Court Lodge, que é uma mansão muito bonita e agradável, bem próxima ao castelo. Lorde Fauntleroy poderá ir visitá-la todos os dias. Além disso, meu patrão lhe enviará uma pensão mensal. Ele só exige que a senhora não se aproxime dos portões do castelo.

A Sra. Errol pensou durante alguns instantes e acabou aceitando as condições impostas pelo conde.

— Sinto que as coisas tenham que ser assim — disse ela, suspirando.

— A senhora poderá levar sua criada, se assim o desejar.

— Acho que Mary gostaria de ir junto. Ela também é muito apegada a Ceddie.

— Neste caso, vamos arranjar as coisas para que ela vá alguns dias antes de nós, assim ela poderá deixar as coisas bem arrumadas para a chegada de Lorde Fauntleroy.

Somente no navio Cedric soube que não iria morar na mesma casa que a mãe. Isso o deixou muito triste. A Sra. Errol achou melhor não dizer o motivo pelo qual o conde não queria sua presença no castelo.

— Meu filho é uma criança muito doce — disse ela ao Sr. Havisham. — Não quero que ele saiba que o avô, que ele pensa que o ama, odeia sua mãe. Isso poderia fazê-lo sentir medo do conde ou, no mínimo, ter um certo distanciamento.

Por causa do grande zelo de sua mãe, Cedric ficou então sabendo que, por alguma razão misteriosa, ele moraria com o avô, em uma casa separada da Sra. Errol e de Mary.

— Preciosa me explicou que tenho que viver com meu avô — disse o pequeno lorde ao Sr. Havisham.

— E ela lhe explicou por quê? — perguntou o advogado.

— Ele perdeu os três filhos. É muito triste para alguém saber que seus três filhos morreram.

— Foi isso que ela lhe disse?

— Foi. Mas ela também falou que eu vou entender por que eu tenho que morar longe dela daqui a algum tempo.

— Quando você for mais velho.

— É. Quando eu crescer um pouquinho mais.

Era a primeira vez que o Sr. Havisham via o pequeno lorde tão triste e cabisbaixo.

No entanto, à medida que a chegada à Inglaterra se aproximava, sua tristeza foi dando lugar à excitação de conhecer um país novo, o país de seu pai.

5. A chegada

Onze dias depois de deixarem os Estados Unidos, Cedric, sua mãe e o Sr. Havisham chegaram à cidade de Erlesboro, na Inglaterra. Uma carruagem os conduziu até Court Lodge.

Mary já estava lá, e os recebeu na porta da mansão junto com outras duas criadas inglesas.

A casa era realmente grande, com salas amplas e decoração de bom gosto. No andar de cima, os quartos tinham lençóis acetinados e cortinas muito bonitas. Nos aposentos da Sra. Errol havia uma gata branca, robusta e peluda sobre o tapete. Cedric correu para brincar com ela.

— Foi a governanta do castelo que mandou essa gata, Sra. Errol. Ela achou que um bichano poderia alegrar a chegada de vocês — explicou Mary.

Cedric e a gata se deram muito bem. Ele rolou no tapete e se entreteve com os pequenos gestos do animal, inventando diversas brincadeiras.

— Sr. Havisham — disse a Sra. Errol —, olhe para ele. É uma criança tão maravilhosa. Não posso acreditar que terei que me separar dele.

— Fique tranquila, ele poderá passar a noite aqui. Irei ao castelo hoje dar a notícia de nossa chegada ao conde. Amanhã conduzirei pessoalmente Lorde Fauntleroy à sua nova residência.

— Escute, Sr. Havisham. Eu aceitei a casa para não ficar longe do meu menino, mas peço que dê um recado ao conde. Não desejo receber o dinheiro que ele tem a intenção de me mandar.

— O que a senhora está dizendo? O conde não vai gostar nada disso. A senhora é a mãe de Lorde Fauntleroy.

— Tenho algum dinheiro para me manter. Se aceitasse a fortuna do conde, sentiria que estou vendendo Cedric a ele, entende? Por favor, diga que já tomei minha decisão.

— Sra. Errol, tenha calma, Lorde Fauntleroy será muito bem tratado no castelo.

— Assim espero, Sr. Havisham, assim espero.

Depois do jantar farto, servido por Mary e pelas outras criadas, o Sr. Havisham foi até o castelo falar com o conde. Bateu na porta do escritório e, pela voz do patrão, percebeu que ele estava irritado. A governanta avisara-o de que o conde estava com crise de gota.

Isso o deixava de muito mau humor.

— E então, Havisham, trouxe meu neto?

— Sim, milorde. Ele se encontra em Court Lodge na companhia da mãe. Amanhã eu o trarei até Vossa Senhoria.

— E como ele é? Um típico americano mal-educado?

— Pelo tempo de convivência que tive com Lorde Fauntleroy, acredito que mal-educado não seria um adjetivo aplicável a ele, Milorde.

— Vamos, diga, Havisham — insistiu o conde —, ele é robusto, bonito? Tem porte de nobre ou mais se parece um maltrapilho?

— É um dos meninos de melhor aparência que já vi.

— Hum, melhor assim — resmungou o conde.

O Sr. Havisham estava tão encantado com Cedric, que não quis entrar em detalhes sobre ele com o conde. O velho patrão era um homem muito intransigente, cheio de idéias negativas na cabeça em relação ao neto. Preferiu deixá-lo tirar suas próprias conclusões sobre o menino, pois tinha certeza de que ele se surpreenderia.

— Tenho um recado da Sra. Errol para Vossa Senhoria — disse o advogado.

— Pelo amor de Deus, Havisham. Não quero que o nome dessa mulher seja sequer pronunciado nesta casa.

— Ela não quer...

— Chega, Havisham, não quero ouvir!

O advogado falou assim mesmo.

— Ela não quer o dinheiro que Vossa Senhoria deseja enviar-lhe.

— Como não quer?

— Ela disse que tem como se manter, não precisa do dinheiro.

— Isso é um absurdo! — gritou o velho. — Ela vai receber o dinheiro, quer queira, quer não queira. A mãe de um lorde não pode andar por aí como uma qualquer. Se ela aceitou viver na Inglaterra, terá que se comportar como a mãe de um nobre!

— Milorde, ela não irá gastar o dinheiro — advertiu o advogado.

— Ela está é se fazendo de coitada! — berrou ainda mais o conde. — Aposto que já fez a cabeça do menino contra mim!

— Muito pelo contrário. Lorde Fauntleroy não sabe por que vai viver longe da mãe.

— Você está me dizendo que meu neto não sabe por que não quero saber da mãe dele por perto? — perguntou o conde, com a voz um pouco mais calma.

— Exatamente, Milorde. A Sra. Errol achou melhor não dizer nada ao filho sobre o ódio que Vossa Senhoria tem por ela. O menino é uma criança gentil e carinhosa. Isso poderia fazer com que ele tivesse raiva ou medo do avô.

— O que meu neto pensa de mim, Havisham?

— Pensa que Vossa Senhoria é um avô carinhoso, que o ama muito.

— Ele acha isso?

— Sim, Milorde. Vossa Senhoria realizou vários desejos dele lá nos Estados Unidos. Dei a ele a possibilidade de fazer o que quisesse com o dinheiro que me foi designado para a viagem.

— E quais foram esses desejos? — o avô quis saber.

— É melhor Vossa Senhoria mesmo perguntar a ele. Asseguro-lhe de que foram desejos inusitados para uma criança de sete anos.

— Havisham, então meu neto não tem idéia do que vai encontrar aqui?

— Não, Milorde. A opinião que Lorde Fauntleroy terá a seu respeito depende unicamente de Vossa Senhoria. Se me permite a intromissão, gostaria de aconselhá-lo a não falar mal da Sra. Errol na frente dele. O menino é mesmo afetuoso. Ele ama a mãe profundamente.

O Sr Havisham despediu-se do patrão e foi para casa. O velho Conde de Dorincourt ficou intrigado com as notícias evasivas do advogado. A ansiedade para conhecer seu futuro sucessor cresceu ainda mais.

6. Conhecendo o Conde de Dorincourt

No dia seguinte, depois do almoço, o Sr. Havisham foi buscar o pequeno lorde para o grande encontro com o avô. Os dois adentraram os portões do parque onde ficava o castelo ao cair da tarde. Cedric ficou maravilhado com os leões de pedra adornando a entrada.

— Esses leões fazem parte do escudo de sua família — explicou o advogado.

Cedric não teve tempo de perguntar o que era escudo, pois logo adiante viu coelhos saltando entre a vegetação, pássaros muito coloridos e veados correndo soltos.

— Meu Deus, Sr. Havisham, é aqui que vou morar?

— Sim, Lorde Fauntleroy. Este parque é enorme. A distância entre o portão e o castelo é de cinco ou seis quilômetros. É um lugar bonito, não é?

— É bonito demais! — falou o pequeno lorde, empolgado.

Assim que a carruagem parou em frente ao castelo, Cedric foi recebido por vários empregados enfileirados. Eles saudaram o novo sucessor com a cabeça. Todos se encantaram com a beleza e a simpatia do menino.

— Obrigado, obrigado a todos vocês por me receberem — disse Cedric.

A Sra. Mellon, governanta, aproximou-se de Cedric.

— Seja bem-vindo — disse ela.

— Foi a senhora que mandou a gata para nossa chegada, não foi? Muito obrigado. Eu adorei — falou o pequeno lorde.

— Ela deixou dois filhotes para você no andar de cima. Logo iremos vê-los.

— Que bom! E onde está meu avô?

Todos os empregados entreolharam-se, com certo ar de desespero. A beleza e a meiguice daquela criança destoavam

completamente da aspereza e do mau humor do conde.

— Ele está no escritório, esperando por você — respondeu a Sra. Mellon.

Por ordem do conde, Cedric deveria entrar sozinho no escritório para o primeiro encontro com o avô. Alguns empregados estavam à beira do desespero.

— O velho é capaz de gritar com o menino, bater, sei lá — disse Thomas, o mordomo.

— Hoje ele jogou uma travessa de comida no chão durante o almoço. Quando sua perna dói por causa da gota, ninguém aguenta seus ataques de violência.

Sabendo que o conde teria uma surpresa ao conhecer o neto, o Sr. Havisham não compartilhava do medo dos empregados. Abriu a porta do escritório e anunciou a entrada do menino:

— Lorde Fauntleroy, Milorde.

Uma voz saiu detrás da poltrona de veludo virada para a lareira.

— Feche a porta.

A sala era enorme e tudo ali parecia sombrio e grande demais para uma criança. Para completar, um enorme cão mastim, que estava deitado perto do fogo, levantou-se e foi cheirar Cedric.

— Dougal, volte aqui — ordenou calmamente a voz detrás da cadeira.

Mas o cão demorou a voltar. Ele foi levado para perto do conde pelas mãos do próprio Cedric, que o puxava pela coleira amarrada no pescoço. O conde levou um susto ao ver aquele menino pequeno segurando Dougal. Ele era um cão bastante bravo, que não estava acostumado a ser muito simpático com estranhos.

— Olá, o senhor deve ser meu avô — disse Cedric, estendendo a mão.

O conde, então, teve a primeira de uma série de surpresas. A aparência do neto era muito superior a qualquer expectativa que ele poderia ter.

— Como você se parece com seu pai! — exclamou o conde.

— Preciosa também acha isso. Eu fico feliz em saber que me pareço com meu pai.

— Preciosa?

— Minha mãe. É assim que meu pai a chamava.

— Você fez boa viagem?

— Sim, adorei o navio! Os marinheiros ficaram meus amigos e também alguns passageiros.

— Ah, sei...

— Ah! Falando em amigos, quero agradecer-lhe por ter ajudado os meus!

— Eu ajudei seus amigos? — perguntou o conde, com uma ponta de ironia na voz.

— O Sr. Havisham não lhe contou? Ele me deu o dinheiro que o senhor me mandou lá para a América. Eu ajudei a senhora das maçãs, Dick, o Sr. Hobbs, Bridget...

— Usou o dinheiro que eu lhe mandei para ajudar seus amigos?

— Sim, todos precisavam de alguma coisa. Dick, por exemplo, é um rapaz muito bom que tinha um péssimo sócio. Ele engraxa sapatos, sabe. Então eu comprei a parte do sócio dele na engraxataria. Também mandei fazer uma placa nova para a entrada do lugar, assim ele pode atrair mais clientes. E Bridget — continuou Cedric —, seu marido está doente e desempregado. Eles têm doze filhos. Dei vinte e cinco dólares para ela. Ela chorou de felicidade. Eu nunca tinha visto alguém chorar de alegria.

— Você tem muitos amigos? — perguntou o conde, que nunca havia gostado de ninguém realmente, nem mesmo dos próprios filhos.

— Muitos. E o senhor?

— Eu não tenho amigos — disse secamente.

— Ah, já entendi. Disseram que sua perna dói e que o senhor tem que ficar em casa o tempo todo. O senhor não sai muito para conversar com as pessoas, não é?

— Minha doença não permite que eu ande.

— Mas agora eu estou aqui. Podemos ser amigos — disse Cedric, inocentemente.

— Você gostaria que eu fosse seu amigo?

— É claro! Os parentes precisam ser amigos. O senhor é um homem muito bom. É estranho que não tenha amigos.

— Acha mesmo que eu sou bom?

— Muito bom! O senhor me ajudou, ajudou meus amigos antes mesmo de me conhecer.

O conde estava boquiaberto com as palavras do neto. O velho conde estava acostumado a perceber o medo que as pessoas sentiam dele, mas Cedric estava completamente à vontade. Ele falava com o avô enquanto afagava o pêlo de Dougal. Por vezes, se aproximava do conde para explicar alguma coisa gesticulando bem perto da poltrona.

Quando Thomas veio avisar que o jantar estava servido, o conde ordenou rispidamente:

— Chame algum empregado para me ajudar.

— Não precisa — disse Cedric. — O senhor pode se apoiar em mim.

Thomas não conseguiu conter um sorriso discreto. Aquela criança adorável iria ajudar um velho rabugento e violento a caminhar até a mesa.

— Venha, coloque a mão no meu ombro — falou Cedric.

O conde, que queria testar a força do neto, apoiou-se com força no ombrinho do menino. Eles começaram a andar devagar para fora do escritório. O rosto do pequeno lorde ficou vermelho e algumas gotinha de suor correram pela testa.

— Está muito pesado? — perguntou o conde.

— Não, não, pode apoiar — respondeu Cedric, mantendo o corpo firme.

Com muito esforço, os dois chegaram até a enorme mesa de jantar. Os empregados não acreditavam na cena que assistiam. “Pelo menos ele é forte e corajoso”, pensou o conde, ao sentar-se.

Os dois jantaram em pontas opostas da mesa. Os talheres e louça eram lindos. Cedric gastou um tempo admirando tudo em sua volta. Ele estava muito excitado com as novidades. Quando a comida foi servida, porém, o pequeno lorde ficou um pouco quieto.

— O que houve, você não gostou do jantar? — perguntou o conde.

— Nem pense nisso. A comida está ótima — respondeu ele, educadamente. — É que eu estou com saudades de Preciosa. Nós

sempre comemos juntos. Ela deve estar jantando sozinha agora. Talvez esteja triste.

— Ela está bem, não se preocupe. Há várias criadas cuidando dela.

— Eu sei. Sei também que não devo fazer perguntas ao senhor sobre por que ela não pode ficar aqui conosco. Só vou entender quando eu for mais velho. Foi isso que Preciosa me disse.

— Disse, é?

— Sim. Sabe, eu amo tanto Preciosa que, quando eu crescer, quero trabalhar para ganhar muito dinheiro. Assim poderei sustentá-la.

— O que você quer ser?

— Já pensei em abrir uma mercearia, como o Sr. Hobbs. Mas acho que quero mesmo ser presidente. Os presidentes fazem coisas boas para o povo.

— Presidente não temos por aqui, mas podemos mandá-lo para a Câmara dos Lordes — disse o conde.

Os dois voltaram para o escritório. O conde apoiou-se novamente no ombro do neto, mas dessa vez não foi tão cruel com o menino. Pegou sua bengala na outra mão e dividiu o peso.

— Viu, dessa vez foi mais fácil — disse Cedric, todo animado por ter aguentado firme a caminhada até a poltrona de frente para a lareira.

Cedric e o avô conversaram mais um pouco. Quando a Sra. Mellon entrou no escritório, encontrou o pequeno lorde dormindo no tapete, ao lado de Dougal.

— Oh, Milorde, ele é de uma beleza fora do comum — disse ela.

— Chame alguém para levá-lo para a cama — ordenou o conde.
— Cuidado para não despertá-lo.

A governanta, que trabalhava no castelo desde pequena, não pôde deixar de notar a preocupação do avô com o neto. Aquele olhar de ternura muito sutil e até o tom de voz mais ameno do conde eram coisas nunca antes testemunhadas no Castelo de Dorincourt.

Era certo que aquele menino havia tocado o velho inglês de alguma maneira.

7. A primeira manhã no castelo

Assim que Cedric acordou, a Sra. Mellon ajudou-o a vestir um dos terninhos de veludo que a Sra. Errol havia mandado na bagagem do filho. Cedric fez questão de dizer que sabia vestir-se sozinho, mas aceitou ajuda para abotoar a camisa e amarrar os sapatos.

Depois do café da manhã, o pequeno lorde teve uma enorme surpresa.

— Seu avô tem um presente para você — disse a governanta.

— Mais um presente? Meu avô é mesmo um homem bondoso. A senhora sabia que ele me deu muitas coisas quando eu ainda morava na América? — perguntou ele.

A governanta não acreditava que alguém poderia chamar seu velho patrão de bondoso, por isso cortou logo o assunto e levou Cedric até um quarto no andar de cima.

Quando abriu a porta, o pequeno nova-iorquino quase caiu para trás.

— Eis o seu presente — disse ela.

— O que a senhora está dizendo? Isso tudo é... é... meu?

O quarto estava repleto de brinquedos. Havia jogos de todos os tipos, bonecos maiores que ele, diversos quebra-cabeças, livros infantis e quadros coloridos enfeitando a parede. Cedric passou a manhã toda se divertindo. Logo depois do almoço, seu avô mandou chamá-lo no escritório.

— Que bom que o senhor me chamou. Eu queria agradecê-lo pelo presente.

— Então, você gostou? — perguntou o conde.

— E como gostei! Um quarto cheio de jogos e brinquedos, tudo só para mim! Eu nunca imaginei que pudesse ter tantas coisas...

— Você agora poderá tudo o que quiser, Fauntleroy — disse ele.

— O senhor gostaria de brincar um pouco comigo? Lá em cima tem um jogo que parece beisebol, só que é jogado em um tabuleiro. O senhor conhece beisebol?

— Não, acredito que isso só se jogue nos Estados Unidos.

— Mas eu posso ensiná-lo! — disse Cedric, abrindo um sorriso.

O velho conde ficou meio reticente. Ele nunca havia jogado com uma criança antes.

— Ah, eu me esqueci da sua perna. Talvez o senhor se sinta mal se jogar. Sua perna está doendo muito? — perguntou o menino.

— Bastante.

— Então talvez não seja bom jogarmos hoje — disse Cedric, parecendo um pouco decepcionado.

O conde, percebendo que o neto ficara desapontado, e no fundo querendo experimentar a sensação de se divertir pela primeira vez na vida, disse, com firmeza:

— Vá buscar o jogo. Acho que minha perna está melhor.

Cedric deu um pulo de alegria. Em menos de um minuto voltou, corado, segurando o tabuleiro. Ele pediu se podia trazer a mesinha perto da parede para a frente da poltrona do avô.

— Toque a sineta — disse o conde. — Thomas virá ajudá-lo.

— Não precisa, eu mesmo faço isso — disse Cedric.

Foi então que, quando o Reverendo Mordant entrou no escritório, anunciado pelo mordomo, ele encontrou o pequeno lorde e o conde jogando beisebol em um tabuleiro de madeira. O menino estava sentado no braço da poltrona do avô, bem próximo ao velho inglês.

— Olá, Mourdant. Este é Lorde Fauntleroy, meu neto — disse o conde, com ar de orgulho. — Fauntleroy, este é o Reverendo Mourdant.

Cedric levantou-se com cuidado para não esbarrar na perna doente do avô e foi cumprimentar o pároco. O reverendo ficou encantado com os cachos de cabelo loiro e com o olhar firme do garoto.

— Muito prazer. Você se parece muito com seu pai — falou.

— Meu avô também acha — disse Cedric, voltando para perto do conde. — Sabe, reverendo, meu avô é o melhor homem do mundo. Ele me deu um quarto cheio de jogos!

O pároco estava achando tudo aquilo muito esquisito. O conde sempre fora um dos homens mais temidos e maldosos da região.

Toda vez que ele precisava ir falar com o nobre, um enorme desconforto tomava conta de seu corpo.

Ao ouvir o comentário do neto, o conde esboçou um sorriso cínico e perguntou:

— O que o traz aqui, reverendo?

— É Higgings. Ele está há três meses sem pagar o aluguel. Newick quer tirá-lo da casa.

— É isso que ele merece — disse o velho conde. — Higgings é péssimo inquilino!

— O que é "inquilino"? — perguntou Cedric, que prestava atenção à conversa.

— O Sr. Higgings aluga uma casa pertencente ao seu avô — explicou o pároco.

— E o que houve dessa vez? — perguntou o conde.

— Higgings está doente, Milorde. Ele não está podendo trabalhar para sustentar a família. Se for despejado, a coisa ficará bem pior. Ele me pediu que falasse com Vossa Senhoria.

— É como o marido de Bridget! — exclamou Cedric. — Ele também não podia trabalhar e eu dei dinheiro...

— Venha cá, Fauntleroy — chamou o conde, interrompendo o menino. — O que você faria nessa situação?

— O senhor não precisa do dinheiro agora, não é? — perguntou Cedric.

— Você está certo, eu não preciso.

— Então deixe Higgings ficar na casa até melhorar de saúde, arrumar um emprego e pagar o que deve.

— Vá buscar um papel e uma caneta. É só abrir a gaveta da escrivaninha — disse o avô.

Em seguida, falou:

— Escreva uma carta a Newick, meu administrador, pedindo o que você quer. Depois assine. Havisham me disse que você sabe escrever.

— Ele disse? Eu sei sim. Preciosa me ensinou, mas talvez eu demore um pouco.

— Tudo bem, leve o tempo que precisar.

O reverendo não acreditava no que estava vendo. O conde iria atender a um pedido do neto com a maior naturalidade do mundo.

— Está vendo, Mourdant? Esse menino ainda vai me transformar em um filantropo — disse o conde com sarcasmo.

Cedric escreveu a carta, que era na verdade um bilhete, pediu para o conde corrigir seus erros, passou o bilhete a limpo e entregou-o ao reverendo.

— Muito obrigado, Lorde Fauntleroy. Higgings vai ficar muito feliz — disse o pároco.

— Agradeça ao meu avô. Foi ele que fez tudo. Eu só escrevi a carta.

O reverendo saiu do castelo desconcertado com o que acabara de testemunhar.

Nunca havia sido tão fácil conseguir alguma coisa do conde. Logo que Cedric e o avô ficaram sozinhos no escritório de novo, o conde disse a ele:

— Tenho outro presente para você.

— Adoraria vê-lo — disse Cedric —, mas já está ficando tarde e eu tenho que me encontrar com Preciosa.

— Agora? — perguntou o conde, desapontado. — Justamente na hora de ganhar seu presente?

— Desculpe-me, mas eu realmente tenho que ir. Pensei em Preciosa o dia todo. Sei que ela deve estar ansiosa para me ver. Posso ganhar meu presente amanhã?

O velho inglês ficou perplexo. Nunca vira uma criança preferir visitar a mãe a ganhar um presente. Contrariado, mandou chamar o cocheiro para levar o neto até Court Lodge.

Quando o menino ia saindo, o conde falou, secamente:

— Era um pônei. E você pode ganhá-lo amanhã.

Os olhos do pequeno lorde iluminaram-se:

— Um pônei??? Um pônei só para mim? O senhor é mesmo o melhor avô do mundo! Não vejo a hora de contar para Preciosa que terei um pônei só meu!

Cedric deixou o avô com um sorriso discreto no rosto diante de tantos elogios em um dia só. Os filhos do conde nunca tinham sido carinhosos nem atenciosos com ele. Maurice, o mais velho, e Bevis,

o do meio, tinham sido crianças mal-educadas e mimadas, além de não terem nem de longe a beleza do pequeno lorde. O pai de Cedric havia sido criado quase à parte da família. O conde não suportava ver que o único com inclinação para a nobreza era seu terceiro filho, o que tinha chances mínimas de herdar o lugar do pai. A beleza e a boa índole daquele menino começaram a impressionar o conde a ponto de ele sentir orgulho daquele neto, mesmo que esse sentimento ainda não fosse claro para ele.

8. Saudades da mãe

O pequeno lorde aprendera a montar seu pônei com uma rapidez incrível. Todos os dias, ele passeava durante a tarde na companhia de seu professor de equitação. O avô costumava observá-lo da varanda do castelo, até o dia em que Cedric pediu que o avô o acompanhasse no galope. A partir daquele dia, o conde praticamente se esqueceu de que sofria de gota. Admirado com a coragem do neto, que não teve o menor medo de sair trotando nas primeiras lições de equitação, o conde experimentou algo que nunca fizera com os filhos: passear a cavalo desfrutando de uma boa conversa.

Nessas conversas, o conde ficou sabendo muitas histórias sobre o Sr. Hobbs, Dick e outros amigos de Cedric na América. Também passou a conhecer um pouco mais sobre a Sra. Errol.

— Preciosa sempre me diz para eu ser um bom menino. Ela explicou que eu devo ser gentil, corajoso e verdadeiro, pois assim poderei ajudar muita gente. Aprendi com ela que a melhor coisa da vida é conseguir fazer o mundo ficar um pouquinho, só um pouquinho melhor.

A notícia de que Lorde Fauntleroy era uma criança linda, benevolente e preocupada com o próximo espalhou-se pela cidade. Em um belo domingo de Sol, o conde levou o neto à igreja e mostrou-se orgulhoso de poder exibir à cidade que tinha um verdadeiro herdeiro na família. O Reverendo Mourdant fez questão de dar as boas-vindas ao pequeno nobre durante o sermão.

As pessoas na igreja curvavam-se diante da passagem dele e do avô. Todos se encantaram com o menino; não paravam de comentar como ele se parecia com o pai. Na saída, Cedric encontrou a mãe, que sentara do lado oposto da igreja. Ele passou com pressa pelas pessoas que estavam no caminho e correu para beijá-la. O conde foi esperá-lo na carruagem. Diante dessa cena, surgiram cochichos por todo lado:

— O Conde de Dorincourt é mesmo um homem ruim. Como tem coragem de separar o menino da mãe? — falavam.

Cedric não entendia por que tantas pessoas o reverenciavam. Como não conhecia nenhuma delas, imaginou que estivessem, na verdade, saldando o avô. Por isso, enquanto a carruagem voltava para o castelo, Cedric disse ao conde:

— O senhor é muito querido por todos! Reparou como eles o olhavam com admiração?

O conde esboçou um sorriso forçado e limitou-se a dizer:

— Você tem saudades de sua mãe?

— O senhor nem imagina o quanto.

O conde a observara de longe durante a missa. Ele se dera conta de que Cedric tinha o olhar dela e que, de fato, a mulher que seu filho havia amado não se parecia com a impostora que ele sempre imaginara.

— Por quê? Você não tem tudo o que quer no castelo? — continuou o conde.

— Não estou me queixando de nada, o senhor nem pense nisso. É que Preciosa e eu somos amigos, muito amigos. Acho que também posso considerar o senhor meu amigo. Quem diria que fôssemos nos dar tão bem, não é? — perguntou sorrindo.

— É — respondeu o conde, meio constrangido.

— Pois então, sinto falta de Preciosa como iria sentir muito a sua falta se tivesse que morar longe do senhor.

Uma ponta de ciúme invadiu o Conde de Dorincourt. Ele realmente nunca imaginara que pudesse tornar-se amigo de um garoto de sete anos. Dividir a atenção e o carinho que Cedric estava lhe dando com a mãe do garoto parecia algo desconfortável para ele. Durante o trajeto até o castelo, o velho conde ficou pensando em como sua vida havia mudado desde a chegada do neto.

Na verdade, o conde sempre ficava um pouco incomodado com os comentários que Cedric fazia sobre a mãe, mas aos poucos começou a entender de onde vinham a educação e os bons modos do menino. Certa manhã, ele mandou chamar Cedric e disse:

— Lá fora há uma carruagem novinha. É um presente seu para sua mãe.

— Para Preciosa? Assim ela não irá mais precisar andar a pé! — disse ele, exultante. — O senhor é mesmo maravilhoso. Eu disse a Preciosa que era no senhor que eu pensava quando ela me falava sobre fazer o mundo ficar melhor! Obrigado, muito obrigado!

O conde continuou sério e disse:

— Agora pode ir até lá entregar a carruagem para ela. Mas lembre-se de que é um presente seu.

Cedric foi até Court Lodge, pulando de felicidade, entregar à mãe seu primeiro presente na condição de Lorde Fauntleroy.

9. Mudando a vida dos pobres

Uma noite, quando voltou de Court Lodge, Cedric estava com lágrimas nos olhos.

— O que houve? — perguntou o avô, vendo o neto triste pela primeira vez.

— Preciosa me contou uma coisa — disse o pequeno lorde.

Um calafrio percorreu todo o corpo do conde. Ele temia que, mais dia menos dia, Cedric descobrisse que seu avô não era a pessoa bondosa que ele imaginava ser. Talvez a Sra. Errol tivesse explicado ao filho por que ele estava separado dela. Ele não podia admitir que seu neto tivesse ódio dele, como todas as outras pessoas tinham.

— É que... tem um lugar... — continuou Cedric.

— Um lugar? — perguntou o conde, ansioso.

— Chama-se Beco do Conde. É um bairro, o senhor conhece?

— Sim, conheço.

— Então o senhor sabe como as pessoas vivem lá?

O conde sabia que o Beco do Conde era um lugar horroroso. Newick, o administrador de suas propriedades, e o Reverendo Mourdant já tinham cansado de lhe dizer que as casas de lá estavam caindo aos pedaços e que as pessoas viviam na mais terrível miséria.

Havia doentes por toda parte. Muitas crianças e velhos morriam. Olhando para os olhos lacrimejantes do neto, o conde sentiu vergonha de si mesmo por não ter feito nada para mudar a situação de pessoas que viviam dentro de suas terras.

— Não, eu não sei — mentiu.

Cedric então explicou ao avô tudo o que a mãe havia lhe contado sobre o Beco do Conde. Em seguida, pediu:

— O senhor é tão bom. Eu disse a Preciosa que iria ajudar aquelas pessoas. O senhor vai ajudá-los, não vai?

Uma lágrima correu pelo rosto do menino. Então, em um gesto de puro instinto, o conde aproximou-se e segurou a mãozinha

miúda do neto. Era incrível como o sofrimento de outras pessoas podia causar tanta dor ao pequeno lorde. Ele afagou Cedric de modo desajeitado e prometeu que faria alguma coisa por aquela gente.

No dia seguinte, Newick foi chamado e o conde explicou detalhadamente o que deveria ser feito no Beco do Conde.

— Vamos derrubar as casas velhas e construir outras novas. Esse é um desejo de Lorde Fauntleroy. Pode dizer isso a todos.

Cedric, que escutava a conversa deitado sobre o tapete do escritório junto com Dougal, sorriu. Em menos de um mês, os moradores do Beco do Conde estavam vivendo decentemente. A cidade toda estava radiante por saber que o pequeno lorde era uma pessoa boa e preocupada com a população.

— Imaginem quando ele for conde! — falavam as pessoas nas ruas.

A Sra. Errol também estava muito feliz por ver que o coração infantil de seu filho continuava tão puro quanto na época em que os dois viviam no bairro simples de Nova York. Depois que ganhou a carruagem de presente, ela passava os dias percorrendo a cidade e visitando os pobres. Cuidava dos doentes e alimentava os que tinham fome. Cedric sabia de tudo o que a mãe fazia. Ele contava as histórias do povo ao avô e pedia que ele intercedesse, quando a situação era muito séria.

Em pouco tempo, o pequeno lorde e sua mãe ficaram famosos em Erlesboro. Embora ainda não se sentisse à vontade para falar com a Sra. Errol, o conde estava gostando de saber que seu neto e a mãe dele eram queridos em toda a cidade, coisa que nunca ocorrera com os membros de sua família.

10. Havisham traz uma notícia

Os meses passaram. Cedric e o conde estavam cada vez mais unidos. Continuavam a fazer passeios a cavalo, a jogar no tabuleiro de beisebol e a terem muitas conversas. O avô incentivava o neto a ler os livros infantis do quarto de brinquedos e também alguns mais avançados da biblioteca do castelo. O pequeno lorde fazia progressos e decifrava as palavras cada vez melhor. A única coisa que sua cabecinha de menino não compreendia era por que a mãe e o avô, duas pessoas que ele amava, nunca se encontravam.

Foi então que uma visita inesperada do Sr. Havisham para o jantar veio mudar a vida tranquila no castelo de Dorincourt. Ele entrou no escritório anunciado pelo mordomo.

Quando Cedric o viu, foi logo cumprimentá-lo, afinal, os dois tinham se tornado amigos desde quando estavam na América. Contudo, o advogado não foi muito atencioso com o menino. Seu rosto estava tenso, ele até transpirava um pouco na testa. O conde notou que ele observava o pequeno lorde durante a refeição com olhar de preocupação.

Após o jantar, Cedric, o avô e o advogado foram sentar-se novamente no escritório.

De tanto brincar com Dougal, o pequeno lorde acabou dormindo no tapete, como de costume. Ele apoiava a cabeça nas mãos e seus cachos dourados brilhavam com a luz que vinha da lareira.

— Então, Havisham, diga-me o que está acontecendo. Conheço-o há anos e sei que não está bem — disse o conde.

— Milorde, não tenho boas notícias — disse o advogado, olhando diretamente para Cedric.

— O que há com Fauntleroy? Fale de uma vez! — pediu o conde, impaciente.

— Uma mulher... veio ao meu escritório ontem à tarde — começou o Sr. Havisham.

— É uma americana que diz ter se casado com seu filho Bevis, em Londres, seis anos atrás. Eu mesmo vi a certidão de casamento.

Eles brigaram um ano depois e nunca mais se viram. O pior, Milorde, é que... que... ela tem um filho de cinco anos. Ela consultou um advogado e descobriu que o menino é o verdadeiro Lorde Fauntleroy. Agora, é claro, está querendo que o filho seja reconhecido com tal.

O conde olhou para os lindos cabelos dourados do neto jogados sobre os ombros de criança e levou as mãos à cabeça, em um gesto de profunda tristeza. O Sr. Havisham continuou:

— Oh, Milorde, ela é uma mulher sem classe alguma, completamente ignorante! Mal sabe escrever o nome. Eu diria que é bonita, mas muito vulgar.

O conde ficou parado, imóvel em sua poltrona durante alguns segundos. Depois falou:

— Acho que foi isso que eu ganhei por não estender a mão à outra mulher, à mãe deste menino — disse, apontando Cedric. — Uma mulher que mal sabe escrever o nome...

Em seguida levantou-se e começou a dizer toda espécie de xingamento possível. Amaldiçoou a alma do filho Bevis, um imprestável que ele nunca amara. Andou de um lado para o outro fazendo mais perguntas sobre a tal mulher, xingou-a e culpou o destino por lhe dar um golpe tão doloroso. O advogado notou, contudo, que em nenhum momento o patrão deixou de se preocupar com o menino que dormia perto da lareira. Mesmo com toda a raiva que sentia, falou em tom de voz baixo, para não acordá-lo. Por fim, tocou a sineta e pediu que o mordomo levasse Cedric para o quarto dele. Sentou-se na poltrona e disse ao advogado:

— Se alguém tivesse me dito que eu iria gostar de uma criança, eu não acreditaria, Havisham. Ele nunca teve medo de mim. Ele... gosta de mim, confia em mim. Esse menino teria sido o melhor conde que já existiu. Teria sido um orgulho para a família.

O Sr. Havisham teve pena do conde pela primeira vez. Saiu cabisbaixo, deixando o patrão olhando para o fogo na lareira, com Dougal dormindo aos seus pés.

11. A notícia chega até a América

Nos Estados Unidos, O Sr. Hobbs sentiu mais falta do pequeno amigo do que imaginava. Por causa disso, acabou indo procurar Dick, o engraxate de quem Cedric tanto falava. Os dois tornaram-se grandes amigos. Toda semana, o vendeiro e o engraxate se encontravam na casa do Sr. Hobbs, que ficava nos fundos da mercearia. Eles tomavam vinho durante o jantar, que o próprio Sr. Hobbs cozinhava, e conversavam sobre a aristocracia inglesa. Quando algum deles recebia carta do amigo lorde, os jantares eram ainda mais animados. Os dois liam e reliam as palavras de Cedric, depois iam dormir pensando em como seria a vida na Inglaterra.

Em um desses encontros, o Sr. Hobbs perguntou ao jovem Dick:

— Onde está a sua família?

— Meus pais morreram quando eu ainda era criança. Quem cuidou de mim foi meu irmão Ben. Infelizmente, ele casou-se com uma mulher chamada Minna, que mudou nossa vida para sempre — explicou Dick.

— O que houve? — perguntou o vendeiro.

— No começo ela era muito boa para nós. Era bonita, tinha os cabelos trançados compridos, que prendia enrolado no alto da cabeça. Depois que eles tiveram um filho, tudo ficou diferente. Minna começou a se irritar com qualquer coisa. Reclamava que meu irmão era pobre e que nunca trazia dinheiro para casa. Ela também maltratava a criança. Um dia, por pura maldade, atirou um prato com tanta violência em direção ao menino, que ele ficou com um ferimento profundo no queixo. O médico disse que a cicatriz nunca mais iria desaparecer.

— E onde eles estão agora?

— Minna forçou Ben a procurar emprego em outros lugares. Os dois acabaram indo com o filho para uma pequena fazenda na Califórnia. Ben trabalha lá até hoje, mas Minna sumiu com a criança.

— Mulheres! — reclamou o vendeiro, que era um solteirão convicto. — Não sei por que os homens viram tanto a cabeça por elas!

O Sr. Hobbs já estava tão acostumado com o fato de que seu amigo Cedric Errol era um lorde inglês, que nem falava mais mal da nobreza europeia. No entanto, quando leu a carta que recebeu naquele dia, voltou a desconfiar da aristocracia. Ele fechou a venda e correu para a banca do engraxate.

— Dick! Dick! — chamou, esbaforido.

— O que foi, Sr. Hobbs?

— Estão armando para cima dele. O governo inteiro deve estar tentando roubar o que é dele!

Dick também fechou a banca e os dois foram ler a carta do amigo. Nela, Cedric explicava que não era mais lorde e que também não seria conde. Ele contava toda a história da mulher que fora casada com seu tio Bevis. Dizia que o avô estava muito triste e que ficara bravo com a mulher que era mãe do verdadeiro Lorde Fauntleroy. Cedric dizia que tinha gostado de ser lorde, mas que agora iria pensar em ter um emprego no futuro, para poder cuidar de sua "Preciosa".

O dono da mercearia e o engraxate ficaram perplexos. Encontravam-se quase toda noite e ficavam discutindo o que iria acontecer. Não sabiam se Cedric voltaria para Nova York, por isso, o Sr. Hobbs fez questão de escrever uma carta a ele, dizendo que, caso voltasse, teria sempre um lugar para trabalhar em sua loja.

12. Mudanças no coração de pedra do conde

Na Inglaterra, os jornais noticiavam a história do novo Lorde Fauntleroy, e ninguém conseguia se conformar com o fato de que o doce Cedric iria ter que dar seu lugar a outro menino. O conde passava as manhãs conversando com o Sr. Havisham, enquanto os empregados do castelo lamentavam-se pelos cantos. O único que parecia estar tranquilo com toda aquela confusão era o pequeno Lorde Fauntleroy, justamente o que diziam que não era mais lorde. Quando o conde sentou-se na frente dele para explicar-lhe o que estava acontecendo, ele olhou fundo nos olhos do avô e disse:

— Estou me sentindo um pouco estranho.

— Eu também — disse o conde —, muito estranho.

— Preciosa vai ter que devolver a casa e... a carruagem? — perguntou, um pouco tímido.

— Não! — gritou o avô. — Eles não podem tirar nada dela!

— Ah, que bom... — disse Cedric, com ar de alívio. — Mas... e... esse menino, que o senhor falou?

— O que tem ele?

— Ele será o seu menino agora, certo? Ficaré no meu lugar.

— De jeito nenhum! — berrou o conde, ainda mais alto.

— Então, quer dizer que vou continuar sendo o seu menino?

O conde aproximou-se de Cedric, tocou nos cabelos dele e disse, com a voz entrecortada, embora falasse com tom enérgico:

— Você é meu menino. Às vezes acho que é o único que já tive.

— Mas, eu pensei... Se é assim, se vamos continuar juntos, não me importo nem um pouco com essa parte de ser conde! — disse Cedric, todo animado. — Era isso que estava fazendo eu me sentir estranho.

— Esse lugar pertence a você, eu sinto isso — disse o avô. — Enquanto eu estiver por aqui, vou lhe dar tudo o que você merece!

Alguns dias depois dessa conversa, a suposta esposa de Bevis, mãe do menino que deveria ser Lorde Fauntleroy, apareceu no Castelo de Dorincourt. O conde recusou-se a recebê-la, mas, aconselhado pelo Sr. Havisham, foi até a estalagem Dorincourt Arms, onde ela estava hospedada com o filho.

Assim que o conde a viu, percebeu que, de fato, ela era uma mulher vulgar e que, apesar de parecer esperta, estava muito assustada com toda aquela situação. Era como se ela não imaginasse que enfrentaria tamanha resistência para provar que era mãe de um lorde. A jovem ficou pálida quando o velho conde adentrou seus aposentos. Depois recompôs-se do susto e começou a xingá-lo e a fazer todo tipo de ameaças possível.

— Não se preocupe, senhora — disse o conde, com firmeza. — Seu filho terá todos os seus direitos garantidos, caso seja mesmo provado que ele é meu neto. Investigaremos a questão a fundo e depois lhe traremos o resultado a que chegamos. Enquanto isso, não apareça mais em minha casa. Não quero ver a senhora nem seu filho enquanto eu viver!

Antes de sair, o conde ainda olhou para a mulher mais uma vez e disse, com desprezo:

— Infelizmente, temo que sua história seja verdadeira. A senhora é exatamente o tipo de mulher com quem meu filho Bevis se envolveria.

No caminho para o castelo, o conde ordenou ao cocheiro que mudasse de rumo e o levasse até Court Lodge. Assim que a carruagem parou em frente à casa, Mary e uma outra criada conduziram o conde até o escritório onde a Sra. Errol estava.

— A senhora deve ser a mãe de meu neto — disse o conde.

— Sim, sou a Sra. Errol.

— Sou o Conde de Dorincourt. A senhora sabe por que estou aqui?

— O Sr. Havisham contou-me sobre a mulher que alega ser...

— Vim para lhe dizer que farei o que eu puder para contestar essa alegação e garantir os direitos do... do nosso menino — interrompeu o conde.

— Cedric não deve ter nada que não seja dele — disse, calmamente, a Sra. Errol. — Mesmo que a lei possa oferecer vantagens a ele, tudo deve ser feito de maneira correta.

— Como eu queria que a lei pudesse defendê-lo, Sra. Errol. Mas não pode e aquela mulher horrorosa... — suspirou o conde.

— Talvez ela se preocupe com seu filho da mesma forma que eu me preocupo com Cedric.

— A senhora preferia que ele não fosse conde, não é?

— Ser conde é maravilhoso, mas o que mais me interessa é que Cedric seja corajoso, justo e leal como o pai.

— Diferente de mim, que sou o avô...

— Bem, eu mal o conheço, mas sei que meu querido filho acredita...

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, depois continuou:

— Sei que Cedric o ama.

O conde, então, se sentiu muito mal por ter tido tanta raiva e tanto ciúme daquela mulher doce e meiga que estava na frente dele. O encontro com a mulher da estalagem o deixara completamente deprimido e envergonhado por ter rejeitado a mãe de seu "menino", como ele chamava Cedric.

— Eu também o amo, senhora. Nunca pensei que pudesse amar alguém na vida. Eu gostei dele desde o primeiro momento em que o vi. Minha vida era triste, eu estava doente e cansado. O menino trouxe-me de volta ao mundo. Tenho tanto orgulho dele, tanto... Estou arrasado, senhora, arrasado...

— Venha, sente-se um pouco. Vou pedir a Mary que traga um pouco de água.

O conde não acreditava que a mulher que ele impedira de entrar em sua casa estava agora acolhendo-o. Ele desculpou-se por todas as maldades que havia feito a ela e os dois passaram quase uma hora falando sobre Cedric e sobre o que aconteceria daquele momento em diante.

— Aconteça o que acontecer, a senhora e seu filho estarão amparados. Ele terá a subsistência e os estudos garantidos a vida toda — disse o conde.

Antes de voltar ao castelo, o velho inglês ainda perguntou:

— A senhora gosta desta casa?

— Muito, Milorde.

— Posso voltar mais vezes aqui para falarmos do menino?

— Quando quiser, Milorde.

Os dois se despediram com um longo aperto de mão. O conde subiu na carruagem e foi para o castelo sentindo o coração mais leve.

13. Dick leva um susto

Assim como os jornais ingleses, os jornais americanos também começaram a noticiar a confusão em torno de quem seria o herdeiro do condado de Dorincourt. O Sr. Hobbs e Dick acompanhavam tudo com cuidado e, como sempre, encontravam-se à noite para discutir o assunto exaustivamente.

Uma certa manhã, Dick abriu o jornal e quase se engasgou com o pedaço de pão do café da manhã. Sem nem se lembrar que tinha que abrir sua banca, correu para a venda do Sr. Hobbs e encontrou-o ainda sonolento, organizando as frutas e verduras dentro da venda.

— Sr. Hobbs, veja! — disse ele. — Olhe essa fotografia!

O Sr. Hobbs pegou o jornal imediatamente e leu a legenda da foto da capa: “A pretensa Lady Fauntleroy e seu filho”. A mulher tinha os olhos grandes, além de uma enorme trança em volta da cabeça que era muito familiar para Dick.

— É ela, Sr. Hobbs, é ela! — gritava Dick.

— Ela? — perguntou o Sr. Hobbs, um pouco confuso.

— É Minna, a mulher de meu irmão Ben. Olhe para o menino.

— O que tem o menino?

— Veja a cicatriz no queixo dele. O senhor se lembra, não lembra? Eu lhe contei que ela atirou um prato em direção ao filho. O médico avisou que a cicatriz ficaria para sempre.

Os dois estavam boquiabertos com tudo aquilo. Depois de discutirem a manhã toda sobre o que deveriam fazer, Dick teve uma idéia:

— Eu tenho um cliente que engraxa os sapatos todos os dias. Ele é advogado. Vamos falar com ele.

— Isso mesmo, Dick! — exclamou o vendeiro. — Esse assunto é muito sério. Vamos falar com o tal advogado.

O Sr. Hobbs deixou a mercearia sob os cuidados de um funcionário e foi, com Dick, até o escritório do Sr. Harrison. O jovem advogado, cliente do engraxate, achou a história muito

interessante. Ele era recém-formado e estava ávido para resolver algum caso importante em sua carreira.

O velho dono da mercearia, impaciente, perguntou, depois de expor a situação:

— Diga-nos quanto o senhor cobra. Eu mesmo, dono da mercearia da rua Blanket, irei pagar seus honorários.

O advogado estava mais empolgado com o caso do que com o dinheiro que pudesse receber. Por isso, disse:

— Em primeiro lugar, precisamos entrar em contato com o irmão de Dick e com o advogado do conde.

Então, naquela mesma tarde, duas cartas partiram em direções diferentes. Uma delas era endereçada ao Sr. Havisham, e seguiu em um navio postal até a Inglaterra. A outra foi de trem até a Califórnia. Era para o Sr. Benjamin Tiptom, irmão de Dick.

O Sr. Hobbs e Dick não conseguiram trabalhar naquele dia. Estavam muito ansiosos para saber o desfecho daquela história. Depois do jantar, ficaram conversando até meia-noite, quando o cansaço os venceu e os fez ir dormir.

14. Tudo é resolvido

O dia em que a carta do advogado de Nova York chegou às mãos do Sr. Havisham foi maravilhoso! O conde ficou radiante com a possibilidade concreta de desmascarar a mulher que queria colocar seu filho na posição de Lorde Fauntleroy. O Sr. Havisham já tinha percebido que a mulher estava mentindo. Ela tinha dado algumas informações incoerentes sobre a idade de seu filho, o que fez o advogado desconfiar da veracidade dos fatos que ela alegava.

O Sr. Havisham e o conde tramaram um plano. Enviaram cartas a Ben e a Dick explicando detalhadamente tudo o que estava acontecendo. Depois mandaram passagens de navio para os dois irmãos e para o Sr. Hobbs também, afinal, o velho vendeiro era o principal articulador de todo o esforço para garantir o título de seu amigo Cedric Errol.

Certo tempo depois, quando a mulher impostora já estava impaciente quanto à demora nas investigações que o Sr. Havisham prometia estar fazendo, o advogado adentrou a estalagem Dorincourt Arms acompanhado do conde em pessoa e de dois jovens americanos. Assim que ela viu aquelas pessoas entrando em seu quarto, soltou um grito tenebroso. Ela nunca poderia imaginar que Ben e Dick estivessem na Inglaterra.

— Minna — disse Ben —, como você teve coragem de fazer isso? Onde está Tom, nosso filho?

Um menino tímido e assustado saiu detrás da porta, onde se escondera ao ouvir o grito da mãe. Ben e Dick levaram-no embora. Tom não se lembrava bem do pai, mas parecia aliviado em deixar aquela mulher. Ele partiu sem querer se despedir dela. Minna foi obrigada a ir embora, ou seria presa, como lhe explicou o Sr. Havisham.

Ao sair da estalagem, o conde foi direto para Court Lodge, onde encontrou Cedric sentado perto da mãe, na sala de estar. O conde parecia até mais alto e mais jovem, tamanha era a disposição que sentia.

— Lorde Fauntleroy... — disse, olhando para o neto.

— Lorde Fauntleroy? — interrompeu a Sra. Errol. — Ele é mesmo...?

— Sim! — disse o conde, sorrindo pela primeira vez depois de muitos anos.

Cedric correu para ele e deu-lhe um abraço. O conde abaixou-se para ficar mais próximo do neto e perguntou:

— Fauntleroy, quando você vai convidar sua mãe para ir até o castelo conosco?

— Para morar conosco? Diga que sim, por favor! Para morar lá para sempre?

— Sim, Fauntleroy, convide sua mãe para mudar-se definitivamente para o Castelo de Dorincourt.

Cedric pulava de felicidade. A Sra. Errol ainda perguntou, reticente:

— Vossa Senhoria... tem... certeza de que me quer lá?

— Absoluta. Nós sempre a quisemos lá, só não tínhamos consciência disso.

Naquela mesma tarde, uma carruagem conduziu os três até o castelo.

15. A grande festa de aniversário

O conde ficou tão feliz porque as coisas tinham se resolvido que seu coração de pedra realmente amoleceu. Ele deu de presente a Ben e a seu filho, Tom, uma fazenda na Califórnia. Ele queria fazer alguma coisa pelo menino que poderia ter sido o Lorde Fauntleroy.

Os dois trabalharam juntos a vida toda e Tom cresceu forte e responsável ao lado do pai.

Além disso, o conde decidiu cuidar da educação de Dick. O jovem engraxate deveria ficar morando na Inglaterra, onde iria estudar para, no futuro, ter melhores oportunidades de emprego. O Sr. Hobbs, como tinha deixado sua loja com um funcionário de extrema confiança, resolveu ficar na Inglaterra até o aniversário de oito anos de Cedric.

O velho vendeiro e o conde não ficaram exatamente grandes amigos, como Cedric desejava, mas respeitavam-se mutuamente. É que o conde nunca havia conhecido um vendeiro em toda a sua vida. Por outro lado, o Sr. Hobbs estava tendo contato com um conde pela primeira vez. Os dois não tinham muito assunto quando se encontravam. No entanto, o Sr. Hobbs foi perdendo a implicância que tinha em relação à aristocracia inglesa.

Ele ficou impressionado com a galeria de quadros que havia no castelo, com os jardins cheios de flores coloridas, os empregados vestidos em uniformes impecáveis, as estufas de planta, o bosque onde viviam coelhos e veados, as cocheiras e muito mais.

A festa do oitavo aniversário do pequeno lorde foi inesquecível. Ele fez questão de convidar todos os moradores da cidade de Erlesboro. Pessoas simples e humildes, que nunca haviam estado no Castelo de Dorincourt antes, sentaram-se à sombra das árvores, dançaram, cantaram e brindaram à saúde de Lorde Fauntleroy. Houve fogos de artifício e até uma banda para entreter os convidados.

Cedric divertiu-se a tarde toda, sempre ao lado do avô, da mãe, de Dick e do Sr. Hobbs. Muitas pessoas foram cumprimentá-lo, não

só pelo aniversário, mas porque depois de sua chegada à Inglaterra, a vida delas havia mudado para melhor.

O avô não tinha repentinamente se transformado no homem bom que Cedric o julgava ser, mas pelo menos o velho conde começara a amar alguém. Isso o fez ficar mais feliz com a própria vida e, conseqüentemente, ele tornou-se mais ameno e até mais justo com seus inquilinos, empregados e com as pessoas em geral. Aos poucos, o conde foi se acostumando com a presença da Sra. Errol no castelo. Ele compreendeu que não havia motivo para ter ciúme do amor que Cedric sentia por ela, pois o coraçãozinho do neto era grande o suficiente para gostar da mãe e do avô com a mesma ternura. O conde entendeu também que a educação e o carinho que Cedric recebera daquela mulher simples e honesta haviam sido fundamentais para que seu neto fosse a criança boa, meiga e inteligente que o cativara desde o primeiro momento. Cedric nascera e fora criado em uma rua pobre de Nova York, porém, ele sabia comportar-se em qualquer ambiente, fosse esse um baile da corte ou uma refeição nos fundos de uma venda. Ele havia aprendido a ser gentil e a se preocupar sempre com os outros, coisas que o fizeram ser um dos melhores lordes que o condado de Dorincourt já havia tido.

Essa história deveria terminar aqui, mas é preciso acrescentar um fato interessante. O Sr. Hobbs gostou tanto de morar na Inglaterra e de ficar perto do seu pequeno amigo que decidiu vender a mercearia na América. Com o dinheiro, ele abriu uma loja na aldeia de Erlesboro e tornou-se o maior vendeiro da redondeza. E por incrível que pareça, o Sr. Hobbs acabou se interessando mais pela aristocracia inglesa do que o próprio conde. Ele lia os jornais que traziam notícias sobre a corte e acompanhava de perto os acontecimentos da Câmara dos Lordes. Quando, anos mais tarde, Cedric perguntou-lhe se ele não sentia falta dos Estados Unidos, o Sr. Hobbs respondeu, com a voz inflamada:

— É um país bom para gente jovem, mas tem muitos defeitos! Sente-se aqui em uma barrica de biscoitos, meu rapaz. Vou falar-lhe sobre os problemas daquele governo americano.

Realmente, era certo que os princípios republicanos do Sr. Hobbs haviam sido abalados de alguma forma.

Roteiro de leitura

- 1) Como era a vida de Cedric nos Estados Unidos?
- 2) Depois que seu pai morreu, quem você acha que passou a representar o papel de pai na vida de Cedric?
- 3) Quem eram os amigos de Cedric nos Estados Unidos? Por que as pessoas gostavam tanto dele?
- 4) Você acha que Cedric era muito maduro para a idade dele? Em que situações ele agia como criança e em quais ele agia como adulto?
- 5) Quais foram as preocupações de Cedric quando soube que era um lorde inglês?
- 6) Quando Cedric descobriu que tinha muito dinheiro, ele começou a gastá-lo de forma inusitada para uma criança de sete anos. No que ele gastou o dinheiro que o Sr. Havisham deu a ele? Você acha que faria o mesmo, caso descobrisse que era rico? O que você faria se ganhasse muito dinheiro?
- 7) Por que Cedric nunca teve medo do avô, um homem considerado rude e até violento? Você já conheceu alguém que tenha lhe causado medo? Quem foi e por que essa pessoa lhe causou medo?
- 8) Por outro lado, alguma vez você já conheceu alguém que tivesse “fama de mau”, mas de quem você não teve o menor medo e até gostou dele(a)? Conte essa experiência para seus colegas. Por que você acha que gostou dessa pessoa?
- 9) O conde era considerado um homem mau. Porém, Cedric acreditava profundamente que ele era bom. Qual a sua opinião sobre o conde? Ele era mau mesmo ou tinha algum lado “humano” dentro dele?
- 10) Por que o conde melhorou de saúde depois de ter conhecido seu neto? Você sabe de alguém que tenha se curado da mesma forma que o conde?
- 11) Muitas pessoas que fazem trabalho voluntário visitam hospitais e asilos, procurando fazer os doentes sentirem-se melhor e esquecerem um pouco a doença que têm. Você conhece alguém

que realize trabalhos voluntários? Entreviste essa pessoa e conte o que descobriu para o resto da classe.

12) Cedric acreditava que os presidentes eram pessoas que faziam boas ações para o povo. O que você acha disso? O presidente do seu país faz boas ações para o povo? Quais?

13) O conde disse ao pároco que seu neto iria transformá-lo em um filantropo. Descubra mais sobre filantropia. O que é? Quem a pratica no Brasil? Você gostaria de ser um filantropo? Por quê? Por que não?

14) O que fez o conde ir visitar a Sra. Errol e esquecer-se da raiva que ele sentia dela? Você acha que ele a teria procurado, caso os acontecimentos tivessem sido diferentes?

15) Com que personagem você mais se identificou? Justifique sua resposta.

16) Que parte do livro você mais gostou? Que parte você menos gostou? Justifique sua resposta.

17. Escolha um trecho da história e, em grupo, faça uma pequena encenação para o resto da classe.

18. Os ingleses e os americanos, apesar de falarem a mesma língua, têm hábitos, sotaques, costumes e culturas diferentes. Descubra algumas diferenças entre esses dois povos e demonstre-as em um cartaz.

19. Faça uma pesquisa sobre a aristocracia britânica. O que é um nobre inglês? Onde ele vive? O que ele faz? Talvez você descubra algum conde de verdade. Conte sobre a vida dele.

20. Qual é o regime de governo dos Estados Unidos? E o da Inglaterra? Qual é a diferença entre o Presidente dos Estados Unidos e o Primeiro Ministro da Inglaterra? Quais são as atribuições e deveres de ambos?

Biografia Do Autor

Frances Eliza Hodgson Burnett nasceu no dia 24 de novembro de 1849 em Manchester, na Inglaterra. No ano de 1865, com a morte de seu pai, ela mudou-se, junto com a mãe, dois irmãos e duas irmãs, para uma pequena fazenda em Newmarket, no Tennessee, Estados Unidos.

Lá, Frances começou a escrever contos, que foram publicados em revistas. O mais importante deles, *Surly Tim's Trouble*, foi publicado no ano de 1872 na revista Scribner. Era uma história marcada pelo dialeto falado em Lancashire, o qual Frances conheceu enquanto ainda morava na Inglaterra. A divulgação desse conto marcou o início de sua carreira como escritora de sucesso.

Frances casou-se com Swan M. Burnett no ano de 1875. Os dois viajaram muito pela Europa e depois foram morar em Washington. Frances continuou a publicar histórias de sucesso, primeiro em revistas, depois em formato de livros, entre elas *A Pequena Princesa* (1905) e *O Jardim Secreto* (1909).

Seu livro mais famoso, no entanto é este, *O Pequeno Lorde*, publicado em 1886. Ele tornou-se ainda mais importante porque foi adaptado para o teatro e encenado enquanto a autora ainda estava viva. Até hoje é possível encontrar peças de teatro e filmes sobre este e outros livros de Frances.

Na Inglaterra daquela época, havia uma luta por parte dos escritores para que eles recebessem direitos autorais pelas dramatizações de seus livros. Frances entrou na justiça pelo uso indevido de *O Pequeno Lorde* e, pela primeira vez na História, um autor ganhou o direito de controlar os direitos de dramatização sobre sua obra. Como esse benefício passou a se estender a todos os outros autores ingleses, Frances recebeu, em sinal de agradecimento, uma linda pulseira de brilhante de seus colegas.

Frances Burnett morreu no ano de 1924.

Table of Contents

- [1. Os primeiros anos de vida](#)
- [2. Uma notícia surpreendente](#)
- [3. Acostumando-se à nova situação](#)
- [4. Viajando para a Inglaterra](#)
- [5. A chegada](#)
- [6. Conhecendo o Conde de Dorincourt](#)
- [7. A primeira manhã no castelo](#)
- [8. Saudades da mãe](#)
- [9. Mudando a vida dos pobres](#)
- [10. Havisham traz uma notícia](#)
- [11. A notícia chega até a América](#)
- [12. Mudanças no coração de pedra do conde](#)
- [13. Dick leva um susto](#)
- [14. Tudo é resolvido](#)
- [15. A grande festa de aniversário](#)